

2020.1 . Ano xxxvii . Número 39

# CALÍOPE

## Presença Clássica

*separata 5*



2020.1 . Ano xxxvii . Número 39

# CALÍOPE

## Presença Clássica

ISSN 2447-875X

*separata 5*

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas  
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
REITOR Denise Pires de Carvalho

Centro de Letras e Artes  
DECANA Cristina Grafanassi Tranjan

Faculdade de Letras  
DIRETORA Sonia Cristina Reis

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas  
COORDENADOR Rainer Guggenberger  
VICE-COORDENADORA Ricardo de Souza Nogueira

Departamento de Letras Clássicas  
CHEFE Fábio Frohwein de Salles Moniz  
SUBCHEFE Eduardo Murtinho Braga Boechat

Organizadores  
Fábio Frohwein de Salles Moniz  
Rainer Guggenberger

Conselho Editorial  
Alice da Silva Cunha  
Ana Thereza Basílio Vieira  
Anderson de Araujo Martins Esteves  
Arlete José Mota Auto Lyra Teixeira  
Ricardo de Souza Nogueira Tania Martins Santos

Conselho Consultivo  
Alfred Dunshirn (Universitat Wien)  
David Konstan (New York University)  
Edith Hall (King's College London)  
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)  
Gabriele Cornelli (UnB)  
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)  
Isabella Tardin (Unicamp)  
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)  
Jean-Michel Carrié (EHESS)  
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)  
Martín Dinter (King's College London)  
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autonoma de México)  
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)  
Zélia de Almeida Cardoso (USP)

Capa  
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Editoraçaõ  
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Revisão de texto  
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Revisão técnica  
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Programa de Pós-Graduaçaõ em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ  
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundaõ 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ  
[www.lettras.ufrj.br/pgclassicas](http://www.lettras.ufrj.br/pgclassicas) – [pgclassicas@lettras.ufrj.br](mailto:pgclassicas@lettras.ufrj.br)

# Tradução das *Bucólicas*, de Virgílio: Écloga I<sup>1</sup>

Pedro Barbieri

## RESUMO

Apresento uma tradução poética da primeira écloga das *Bucólicas*, de Virgílio, tomando por base o texto da OCT, editado por Mynors (1972). Teço ainda alguns comentários preliminares acerca das minhas escolhas tradutológicas.

## PALAVRAS-CHAVE

Virgílio; *Bucólicas*; poesia bucólica; poesia hexamétrica; tradução poética

SUBMISSÃO 19.5.2020 | APROVAÇÃO 9.10.2020 | PUBLICAÇÃO 6.2.2021

DOI <https://doi.org/10.17074/cpc.v1i39.34782>

E

ste artigo faz parte de um projeto de tradução integral das *Bucólicas*, de Virgílio, que está sendo realizada aos poucos.<sup>2</sup> Seria um pouco fora de lugar apresentar o autor e sua obra, muito mais em um periódico especializado. Faço aqui apenas alguns comentários referentes à tradução.

De início, optei por decassílabos, com tônicas sempre na segunda, quinta, sétima e décima sílabas, e cesura intermediária – ou seja, o verso pode ser lido como duas metades, cada qual com um jambo e um anapesto. A ideia aqui é propor dentro do conhecido decassílabo épico uma outra possibilidade de prosódia, que, embora não seja original, não é tão comum.

Tento obter um ritmo misto para o metro, ora lento (tempos fortes), em conformidade com a ambientação bucólica<sup>3</sup>, ora mais acelerado (tempos fracos), que se adequa bem à imitação de um discurso mais simples<sup>4</sup>. Recorro ao emprego de cesuras, que são, inclusive, uma forma de emular o hexâmetro antigo e de apresentar duas partes ao decassílabo em português, cujo ritmo, em geral, é *tripartido*, com as cadências mais comuns sendo: 2-6-10, 3-6-10 e 4-7(8)-10. Ao propor o ritmo 2-5 // 7-10, busco em parte reproduzir os efeitos e a disposição dos termos dentro do verso como nos hemistíquios hexamétricos. Isso traz novas dificuldades que devem ser solucionadas (e.g. a variação entre cesuras pentemímeras e heptemímeras não é devidamente contemplada<sup>5</sup>), mas, ainda assim, é uma tentativa de verter a prosódia dos poemas virgilianos.

Como exemplo, compare-se os dois versos iniciais do poema em sua versão original e como os apresento:

*Tityre, tu patulae recubans sub tegmine fagi  
siluestrem tenui Musam meditaris auena [...]*

Tu, ó Títilo, és quedo ao véu da ampla faia e  
o alento em tua flauta evoca a agra Musa.

Seguindo a prosódia que proponho para os versos, eles podem ser lidos da seguinte forma:

Tu, ó / **Ti** / tí / ro, és / **que** // do ao / **vêu** / da am / pla / **fai** / a e  
o a / **len** / to em / tua / **flau** // ta e / **vo** / ca a a / gra / **Mu** / sa.

Busquei na tradução ter cuidado com o ritmo e a musicalidade do verso, elementos que considero essenciais para a leitura dos poemas antigos. Faço uso de elisões, como na sexta sílaba do v. 1 (“-do ao”) ou mesmo antes, na primeira sílaba, na qual o pronome é praticamente átono diante da interjeição, resultando em um ditongo crescente (“Tu, ó”)<sup>6</sup>. Se necessário, altero conscientemente classes gramaticais buscando a fluidez do verso, como proponho no v. 2: em vez de Títiro ser aquele que “medita” (i.e. compõe) sobre a Musa *com* o instrumento, faço de seu sopro à flauta o sujeito da oração coordenada, por extensão à “leveza” que a caracteriza (*tenui ... aeuena*). A ideia aqui foi evitar a terminação em -s da segunda pessoa do singular, um tanto inconveniente para elisões e crases. Veja-se ainda no v. 84 “caem” (*cadunt*), que posiciono na primeira sílaba, átona, permitindo que o verbo na terceira do plural seja pronunciado como se fosse um monossílabo.

Com efeito, a musicalidade do verso antigo, assim como nesta versão, se beneficia com a enunciação, pois a performance em voz alta nos permite experimentar a sonoridade tal qual ela é, e não como uma partitura sem suporte musical. A justificativa da tradução poética é justamente que essas obras foram compostas, em primeiro lugar, como *poesia*, não como objeto de análises exaustivas, por mais que o autor fosse bastante deliberado e metódico. Veja-se, por exemplo, a observação de Clausen (1994, p. xxiii) em seu comentário às *Bucólicas*:

Virgílio esperava que o seu leitor reparasse em tais detalhes? O leitor romano de Virgílio lia em voz alta, lia lentamente, e havia sido treinado desde a infância na disciplina da retórica. Ainda assim, a retórica não precisa ser detectada para ser efetiva e mesmo um leitor menos treinado pode experimentar

alguma sensação de satisfação sem entender exatamente o porquê [...].

O interesse de uma tradução desse feitio é, antes de tudo, não depurar o poema do seu fundamento. Constatar e dissecar a forma sem experimentá-la é um caminho para diminuí-la e perpetuar desinteresse<sup>7</sup>. Traduzir um poema sem poesia pode resultar em uma protocolaridade que afeta o modo como interagiremos com a obra. Por outro lado, a tradução poética não deve ser composta apenas por sintaxes emulativas e muito retorcidas (que podem incorrer em ilegibilidade) nem só por vocábulos rigorosos ou excêntricos (que podem soar prepotentes ou simplesmente agramaticais). Nesse caso, é a erudição que vem a obstacular o poema, visto que ela mesma se embaraça em alguns de seus recursos e em toda a fortuna crítica de textos tão antigos.

É necessário sempre considerar a música inerente à produção poética antiga, tal qual o método e a configuração da cadência rítmica. Em certos momentos, diante da expectativa do ouvinte que já está inserido na musicalidade, o poeta parece criar uma tensão e ambiguidade entre o ritmo e a disposição dos termos, que são resolvidas de uma forma harmônica ou igualmente tensionada. Em outras passagens, é curioso presenciar como o ouvido se satisfaz com um verso no qual não parece haver nenhuma dificuldade na composição.<sup>8</sup>

Vale informar também que durante o meu trabalho, consultei diversas outras traduções a fim de cotejar quais outras respostas foram dadas ao poema de Virgílio. Não busco apresentar um rol de tradutores, mas apenas mencionar aqueles que estiveram como pano de fundo para esta versão. Em primeiro lugar, a tradução de Odorico Mendes de 1858 (reeditada em 2008) foi uma das grandes balizas para o meu texto, em especial pelo seu trabalho prosódico e poético, que, no entanto, apresenta alguns problemas, como neologismos que envelheceram mal (o famoso caso do “velocípede”) e um uso por vezes sobrecarregado de hipérbatos, obstruindo a compreensão do verso. Ainda para o português, consultei a tradução em dodecassílabos de Raimundo Carvalho

(2005). Levei em conta também a versão em jambos de Fowler (1997), que, no entanto, tende a preencher um pouco o verso com acréscimos autorais *metri causa*.<sup>9</sup> Outras versões consideradas foram as de Greenough (1900), Fairclough (1916) e MacKail (1934), usadas muitas vezes como referência na língua inglesa, já que são de acesso público. Além disso, recorri à tradução de Tomás de la Ascención Recio García e Arturo Soler Ruiz, lançada pela editora Gredos (2008), que oferece um texto bastante consistente e seguro. Enquanto as três primeiras traduções (em português e inglês) são poéticas, as demais seguem o padrão escolar de traslado em prosa, mais linear e expositivo, sem preocupação métrica, ainda que com uma dicção poética.

Por fim, passo a um pormenor editorial. Apesar de seguir o texto estabelecido por Mynors (1972), optei por incluir aqui o verso 18, que é atetizado em sua edição da OCT – indico o trecho entre colchetes, tanto no latim quanto no traslado. O motivo disso é apenas para que se possa comparar esta com outras traduções em que esse verso aparece, embora ele não esteja presente em muitos manuscritos. Assim, meu texto segue a contagem de 84 versos no total.



Tradução das Bucólicas, de Virgílio: Écloga I | Pedro Barbieri

MELIBOEUS

*Tityre, tu patulae recubans sub tegmine fagi  
siluestrem tenui Musam meditaris aena;  
nos patriae finis et dulcia linquimus arua.  
nos patriam fugimus; tu, Tityre, lentus in umbra  
05 formosam resonare doces Amaryllida silvas.*

TITYRUS

*O Meliboe, deus nobis haec otia fecit.  
namque erit ille mihi semper deus, illius aram  
saepe tener nostris ab oculibus imbuet agnus.  
ille meas errare boues, ut cernis, et ipsum  
10 ludere quae nellem calamo permisit agresti.*

MELIBOEUS

*Non equidem inuideo, miror magis: undique totis  
usque adeo turbatur agris. en ipse capellas  
protinus aeger ago; hanc etiam uix, Tityre, duco.  
hic inter densas corylos modo namque gemellos,  
15 spem gregis, al' silice in nuda cornixa reliquit.  
saepe malum hoc nobis, si mens non laeua fuisset,  
de caelo tactas memini praedicere quercus.  
[saepe sinistra cava praedixit ab ilice cornix:]  
sed tamen iste deus qui sit, da, Tityre, nobis.*

TITYRUS

*20 Vrberem quam dicunt Romam, Meliboe, putavi  
stultus ego huic nostrae similem, quo saepe solemus  
pastores ouium teneros depellere fetus.  
sic canibus catulos similis, sic matribus haedos  
noram, sic paruis componere magna solebam.  
25 uerum haec tantum alias inter caput exulit urbes  
quantum lenta solent inter iuburna cupressi.*

MELIBOEUS

*Et quae tanta fuit Romam tibi causa uidendi?*

TITYRUS

*Libertas, quae sera tamen respexit inertem,  
candidior postquam tondenti barba cadebat,  
30 respexit tamen et longo post tempore uenit,  
postquam nos Amaryllis habet, Galatea reliquit.  
namque (fatebor enim) dum me Galatea tenebat,  
nec spes libertatis erat nec cura peculi.  
quamuis multa meis exiret uictima saeptis,  
35 pinguis et ingratae premeretur caseus urbi,  
non unquam gruuís aere domum mihi dextra redibat.*

MELIBEU

Tu, ó Títiro, és quedo ao véu da ampla faia e  
o alento em tua flauta evoca a agra Musa.  
Nós, idos aos fins do lar, doce terra,  
do lar vamos. Lento à sombra, tu entaos  
à doce floresta a airosa Amanlis.

TÍTIRO

Ó tu, Melibeu, este ócio é de um deus,  
um deus que me é sempre; e amiúde o seu templo  
é tinto em rês tenra, e nosso é o aprisco.  
Vê, deu que meus bois errassem e eu mesmo  
tocasse, ao meu gosto, tal flauta agreste.

MELIBEU

Mas não sinto inveja, apreço só: toda  
a terra se aturde. Vê!, à mi'á frente  
guio cabras, enfermo, e uma mal levo.  
Aqui, entre aveléiras densas, sofreu:  
deu gémeos ao nu seixo, oh, fé da grei!  
Lembro eu que amiúde o mal nos foi dito  
por raios nos robles – turva é mi'á mente.  
[Um corvo já o disse em roble oco e sestro.]  
Mas, Títiro, diz-me qual deus é este.

TÍTIRO

Tinha eu, Melibeu, que a urbe que chamam  
de Roma era qual a nossa, em mi'á inépcia:  
lá onde o ovelheiro leva o anho tenro.  
Um cão co' o filhote, a mãe co' o petiz,  
isso eu conhecia – opor o alto e o exíguo.  
Mas ela ergueu o cimo tão mais que as outras,  
qual sói o cipreste entre arcos viburnos.

MELIBEU

Por qual grave causa tu foste a Roma?

TÍTIRO

Busquei Liberdade, e viu-me, morosa.  
O inerte era eu: fio mais alvo à lâmina.  
Mas viu-me ela e veio, após muito tempo.  
Já sou de Amanlis. – Foi Galatea.  
Confesso que então servi Galatea  
sem grão de ser livre ou posse a zelar.  
Malgrado mi'á cerca afluísse com abates  
e queijo adiposo preno à urbe ingrata,  
mi'á mão não voltava mais farta ao lar.

MELIBOEUS

*Mirabar quid maesta deos, Amarylli, uocares,  
cui pendere sua patereris in arbore poma;  
Tityrus hinc aberat. ipsae te, Tityre, pinus,  
40 ipsi te fontes, ipsa haec arbusta uocabant.*

TITYRUS

*Quid facerem? neque seruitio me exire licebat  
nec tam praesentis alibi cognoscere diuos.  
hic illum uidi iuuenem, Meliboe, quotannis  
bis senos cui nostra dies altaria fumant.  
45 hic mihi responsum primus dedit ille petenti:  
'pascite ut ante boues, pueri; summittite tauros.'*

MELIBOEUS

*Fortunate senex, ergo tua rura manebunt  
et tibi magna satis, quamuis lapis omnia nudus  
limosque palus obducat pascua iunco:  
50 non insueta grauis temptabunt pabula fetas,  
nec mala vicini pecoris contagia laedent.  
fortunate senex, hic inter flumina nota  
et fontis sacros frigus captabis opacum;  
hic tibi, quae semper, uicino ab limite saepes  
55 Hyblaeis apibus florem depasta salicti  
saepae leui somnum suadebit inire susurro;  
hic alta sub rupe canet frondator ad auras,  
nec tamen interea raucae, tua cura, palumbes  
nec gemere aëria cessabit turtur ab ulmo.*

TITYRUS

*60 Ante leues ergo pascentur in aethere cerui  
et freta destituent nudos in litore pisces,  
ante pererratis amborum finibus exsul  
aut Ararim Parthus bibet aut Germania Tigrim,  
quam nostro illius labatur pectore uultus.*

MELIBOEUS

*65 At nos hinc alii sitientis ibimus Afros,  
pars Scythiam et rapidum cretae ueniemus Oaxen  
et penitus toto diuisos orbe Britannos.  
en unquam patrios longo post tempore finis  
pauperis et tuguri congestum caespite culmen,  
70 post aliquot, mea regna, uidens mirabor aristas?  
impius haec tam culta noualia miles habebit,  
barbarus has segetes. en quo discordia cuius  
produxit miseris: his nos consequimur agros!  
insere nunc, Meliboe, puros, pone ordine uitis.  
75 ite meae, felix: quondam pecus, ite capellae.*

MELIBEU

“Por que, triste, urgir a um deus, Amanlis?,  
p’ra quem deixar penso o pomo à tua árvore?”  
– pensava eu. Tu estavas longe. E a ti, Tíuro,  
o pinho, a nascente e a relva invocavam.

TÍURO

Que havia a fazer? Não foge o cativo  
nem vêm ter com ele deuses propícios.  
Cá vi, Melibeu, um rapaz. Doze dias  
por ano lhe esfumam ‘s nossos altares.  
De pronto, deu tal resposta ao meu rogo:  
“Pascei rês como antes, prole, e criaí touros.”

MELIBEU

Feliz velho!, então manténs teus terrenos,  
co’ espaço abundante, mesmo com seixos  
nus, brejos de limo e junco em teu pasto.  
Que estranho capim não teste a rês prenhe,  
nem vil peste, azar de um gado vizinho!  
Feliz velho!, aqui, entre rios conhecidos  
e sacras nascentes, fruis sombra amena.  
Por cá, como sempre, a sebe vizinha,  
que nutre as abelhas de Híbla com vime,  
sutil, te induz sono em doces cicios.  
Por cá, o podador canta o ar, à alta pedra.  
Não hão de cessar nem rouco torcaz,  
que estimas, nem pombo a chiar no auge do ulmo.

TÍURO

Pois logo ágeis cervos no ar pascerão  
e os fluxos darão nus peixes às margens;  
e logo errarão fronteiras: no exílio,  
do Arar bebe o pártio, e o Tigre, a Germânia;  
– assim se sua face esvai de meu peito.

MELIBEU

Iremos, porém, uns, secos à África;  
à Cítia outros vão; e à Creta, ao lesto Oaxes;  
e aos ermos britões, cindidos do orbe.  
Nunca hei de rever mi’as pátrias fronteiras?,  
nalgum tempo, a pobre telha ao casebre?,  
quando hei de a’mirar meu reino de espigas?,  
será de ímpia tropa o novo alqueive?,  
do inculto, o milhal? Ah, fez-se discórdia  
civil, que pesar! Lavramos por eles!  
Que eu plante os perais e ordene ora as vinhas!  
Ide, ó grei leda antes, ide, ó cabrinhas!

Tradução das *Bucólicas*, de Virgílio: *Écloga I* | Pedro Barbieri

*non ego uos posthac uiridi proiectus in antro  
dumosa pendere procul de rupe uidebo;  
carmina nulla canam; non me pascente, capellae,  
florentem cytisum et salices carpētis amaras.*

TITYRUS

80 *Hic tamen hanc mecum poteris requiescere noctem  
fronde super uiridi: sunt nobis mītia poma,  
castaneae molles et pressi copia lactis,  
et iam summa procul uillarum culmina fumant  
maioresque cadunt altis de montibus umbrae.*

Não mais vos verei, banido em verde antro,  
suspensas ao longe em rochas musgosas!  
Não canto mais cantos, nem, mi'as cabrinhas,  
vos pasço ao laburno flóreo e acres vimes.

TÍTIRO

Mas podes folgar comigo esta noite  
aos ramos. Cá temos pomos maduros,  
macias castanhas, pressos lat'cínios.  
Distantes, já esfumam 's cimos das choças,  
caem do áp'ce montês maiores as sombras.

ABSTRACT

I offer a poetic translation of Virgil's first *Eclogue*, based on the *OCT* text edited by Mynors (1972). I also make some preliminary comments regarding my translation.

KEYWORDS

Virgil; *Eclogues*; Pastoral Poetry; Poetic Translation.

REFERÊNCIAS

MACKAIL, J. W. (trad.). **Virgil's Works: The Aeneid, Eclogues, Georgics**. Introduction by Charles L. Durham. New York: The Modern Library, 1934.

MYNORS, R. A. B. (ed.). **P. Vergili Maronis: Opera**. Oxford: Oxford University Press, 1972.

VERGIL. **Bucolics, Aeneid, and Georgics of Vergil**. Translated by J. B. Greenough. Boston. Ginn & Co. 1900.

VIRGIL. **Eclogues, Georgics, Aeneid 1-6**. Translated by H. R. Fairclough. Cambridge: Harvard University Press. 1916.

VIRGILIO. **Bucólicas, Geórgicas, Apéndice Virgiliano**. Introducción general por J. L. Vidal. Traducciones, introducciones y notas por Tomás de la Ascensión Recio García y Arturo Soler Ruiz. Madrid: Editorial Gredos, 2008.

VIRGÍLIO. **Bucólicas**: edição bilíngue. Tradução de Raimundo Carvalho. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.

VIRGÍLIO. **Bucólicas**. Tradução de Manuel Odorico Mendes. Edição anotada e comentada pelo Grupo de Trabalho Ocorico Mendes. Cotia: Ateliê Editorial; Campinas: Editora Unicamp, 2008.

<sup>1</sup> Agradeço pelos comentários dos pareceristas anônimos. Os deslizes remanescentes são de minha responsabilidade.

<sup>2</sup> Para minha versão da nona égloga, cf. BARBIERI, 2020b, texto no qual também esboço um pouco dos meus pressupostos tradutológicos.

<sup>3</sup> CLAUSEN, 1994, p. xxvi-xxx.

<sup>4</sup> LIPKA, 2001, p. 127-133.

<sup>5</sup> WEST, 1987, p. 19.

<sup>6</sup> Outra possibilidade métrica para o primeiro verso teria sido: “Ó Títiro, *entregue* ao véu da ampla faia...” – contudo, no que essa tradução ganha em destacar a morosidade do personagem, perde-se o efeito característico da assonância inicial: “Tu, ó Títiro” (*Tityre, tu*). Isso talvez pudesse ser resolvido admitindo a topicalização inicial e um anacoluto entre o primeiro verso e o segundo, com a alteração do sujeito, a saber: “Tu, ó Títiro, entregue ao véu da ampla faia, / o alento em tua flauta...”. O termo “entregue” recupera bem *recubo* não tanto por aludir ao movimento de inclinar-se à árvore, mas pelo provável juízo de valor e contraste implícitos na fala de Melibeu (cf. Cic. *De or.* 3.63; Prop. 3.31; CLAUSEN, 1994, p. 34). Seja como for, essa segunda opção me soou por demais artificiosa.

<sup>7</sup> Sobre essa problemática, cf. meu ensaio recente “As obras clássicas não precisam de nós” (BARBIERI, 2020a).

<sup>8</sup> Cf. EDWARDS, 2002, p. 99-104; PRADO, 2007 (em especial, p. 238-241).

<sup>9</sup> O comentário aqui é válido porque a própria Fowler faz essa ressalva ao introduzir seu texto, dando como exemplo a inserção do termo “Babylonian” junto ao rio Tigre no v. 63 da primeira égloga (o que não consta do original). Por certo, ao propor uma versão metrificada, também me comprometo com a necessidade de dispor os termos de forma adequada ao ritmo e metro, mas as soluções tomadas não podem refletir uma *imposição* do metro ao poema. Ou seja, como o entendo, o critério formal da composição (e tradução) não deve ser negligenciado, mas também não deve se sobrepor aos demais elementos do poema. Apesar de ser uma crítica recorrente, o arranjo e as soluções dadas *tendo em vista* o metro não são um defeito ou um capricho do poeta (ou dos tradutores), mas as decisões mesmas que *fazem parte* da empreitada poética. Com maior ou menor sucesso, são esses parâmetros que sigo aqui.